

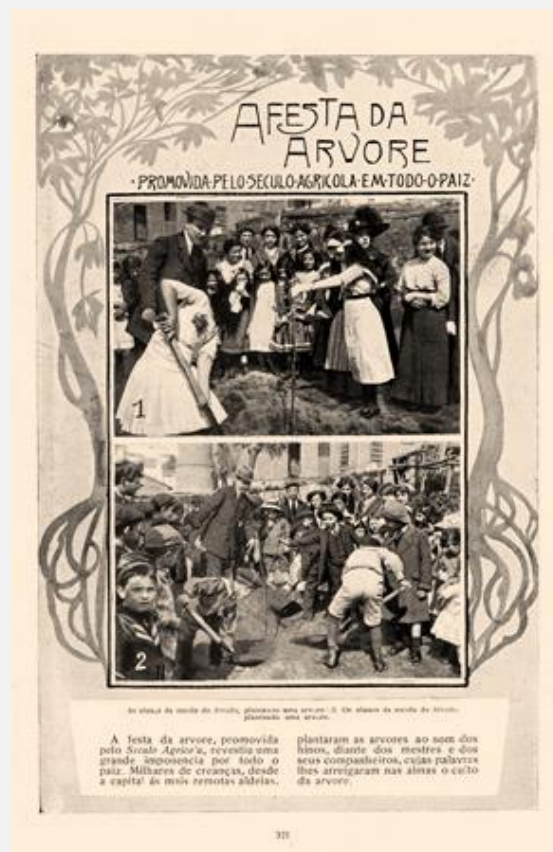
Festa da Árvore de 1913 em Portugal

A Festa da Árvore foi uma celebração nacional e republicana de carácter cívico, comemorada por todas as escolas do país a 9 de março de 1913. O jornal *O Século Agrícola* tomou a iniciativa de organizar este evento, através de uma circular, convidando os professores de todo o país a criar comissões dinamizadoras para realizar esta “festa patriótica”.

Em Portugal as Festas da Árvore surgiram ainda no período da monarquia constitucional dinamizadas pela Liga Nacional de Instrução, uma associação de forte pendor republicano e maçónico que pretendia recriar as “árvores da liberdade”, festa cívica francesa dedicada ao culto da árvore. Assim, em 1907, realizam-se as primeiras festividades no Seixal, a 26 de maio, e em Lisboa a 19 de dezembro.

Numa República ainda jovem, as festas cívicas assumiram grande importância na veiculação de um discurso pedagógico, republicano e liberal, sendo um pretexto para doutrinar a sociedade com os novos valores morais, sociais e estéticos, como a regeneração, a pátria, a solidariedade, a liberdade, a vida, a paz, a beleza, o bem ou o amor. O novo regime pretendia apresentar-se como “regenerador” de uma “Pátria” há muito decadente e adotou a árvore como o seu símbolo máximo, que através da fertilidade e a capacidade permanente de regeneração, representa o elo entre o passado e o futuro que agora nascia.

Estas festas cívicas aspiravam ser uma alternativa aos rituais das práticas da religião católica no espaço escolar, ao obedecer a uma liturgia laica programada (desfiles pelas ruas e praças de toponímia republicana, contacto com os adultos) e a uma linguagem nova de propaganda (preleções, cânticos, a *Portuguesa*, hino à árvore, récitas, etc.) que terminava numa encenação ritualizada de cariz “mágico” e simbólico da plantação da árvore, ou em torno do culto da bandeira e do hino nacional, tal como do culto dos heróis da Pátria.



1-As alunas da escola do *Século*, plantando uma árvore.
2-Os alunos da escola do *Século*, plantando uma árvore.

Ilustração Portuguesa (17 mar. 1913) nº 369



Prato comemorativo da **Festa da Árvore da Amadora**, em abril de 1913.

Neste sentido o patriotismo assume uma dimensão afetiva na formação do “novo cidadão”, dado que é capaz de gerar consenso e contribuir para a interiorização de uma memória coletiva que serve para reforçar a identidade nacional – sacralização da Pátria como entidade unificadora de todos os portugueses.

A Festa da Árvore ao decorrer em março assinalava o equinócio da primavera como sagração da natureza, dando continuidade a ritos tradicionais e ancestrais.

Os professores, ao serem incumbidos da organização da festividade, com a criação de comissões que incluíam autoridades e funcionários públicos locais, desempenhavam um papel fulcral na propagação dos novos ideários, já que eram vistos como “guias espirituais” por toda a comunidade local.

A Festa da Árvore é uma celebração efémera de um só dia, mas com um programa rigoroso e idêntico em todo o país. Os alunos inicialmente reunidos nas suas escolas saem, em cortejo cívico, com os professores e demais cidadãos, normalmente acompanhados por músicos, percorrendo a localidade, passando pelos pontos centrais da toponímia republicana até ao local da plantação das árvores, ao som de cânticos do hino nacional e do hino da árvore. Em local próprio, são proferidas preleções pelos professores e discursos de pessoas ilustres sobre os valores da árvore, desde o económico ao simbólico (liberdade, renascimento e regeneração), o amor à Pátria e aos nossos heróis nacionais. As crianças faziam récitas e pequenos teatros alusivos ao tema, sendo muito enaltecidos pela comunidade que assistia. Após a plantação das árvores, seguia-se um lanche oferecido pelas “damas” da localidade que terminava na entoação dos dois hinos.

Enfim, a Festa da Árvore, foi uma festividade cívica patrocinada pela nova República para enraizar os novos valores liberais, morais e cívicos, através do estreitamento dos laços sociais do convívio intergeracional.

ANO 4 - N.º 26 Lisboa, 25 de Janeiro de 1913 Preço: 20 réis

O SÉCULO AGRÍCOLA

Musica de ABOIM FOIOS Versos de OLAVO BILAC

HINO DAS ÁRVORES

CANTO: *Quem planta uma arvore enri... que ce a terra*

PIANO: *mãe piedosa e boa. E a terra aos homens agradece, a mãe aos filhos a benção*

Quem planta uma arvore enri... que ce a terra mãe pi... e do na e

ção a terra aos homens a gra... de... ce a mãe aos filhos a benção

Um artigo de especial interesse para os agricultores e para os mestres dos campos. Não se trata de mais um artigo de caráter eminentemente técnico.

Quem planta uma árvore enriquece a terra, mãe piedosa e boa:
E a terra aos homens agradece, a mãe aos filhos a benção.

A árvore, alçando o colo cheio de seiva forte e de esplendor, deixa cair do verde seio a flor e o fruto, a sombra e o amor.

Crescei, crescei, na grande festa da luz, do aroma e da bondade, árvores-glória da floresta! árvores-vida da cidade!

Crescei, crescei, sobre os caminhos, árvores belas, maternais, dando morada aos passarinhos, dando alimento aos animais!

Outros verão os vossos pomos! Se hoje sois fracas e crianças, nós esperanças também somos: plantamos outras esperanças!

Para o futuro trabalhamos: pois, no porvir, nossos irmãos não-de cantar sob estes ramos, e bendizer as nossas mãos!

Hino da Árvore - letra de Olavo Bilac e música de Aboim Foios

A Festa da Árvore de 1913 em Santa Comba Dão

A primeira notícia referente à Festa da Árvore aparece no jornal *Sul da Beira* a 3 de fevereiro de 1913 na Secção Pedagógica: «Vae realizar-se, muito em breve, em todas as freguezias do paiz, a Festa da Arvore, promovida pelo “seculo Agrícola”. Esta festa, pela sua alta significação, pelos otimos resultados que certamente vem dar á nossa Patria, deve revestir uma imponencia invulgar.»

Curiosamente, só a 16 do mesmo mês é que o periódico *Beira Alta* comunica o mesmo evento, acrescentando que no concelho de Santa Comba Dão, esta festa se «realizará em todas as freguezias, trabalhando affanozamente todo o professorado».

O Inspector do Circulo Escolar de Santa Comba Dão, sr. José Meyrelles e os professores das escolas oficiais da Vila, «ex.mas senhoras D. Carolina Jozephina das Neves Castro e Silva, D. Martha do Resgate Oliveira [irmã do Doutor Oliveira Salazar] e sr. Aleixo Mendes d’Almeida, convidaram, por ofício os sr.s administrador do concelho, presidentes da camara e da junta de Parochia, secretario de finanças, tesoureiro da fazenda pública, respetivamente, sr. Miguel Paulo Ferreira Neves, sr. José Rodrigues da Costa Lemos, sr. Antonio Correia Pinto, sr. José Gabriel da Fonseca Diniz e sr. José Borges da Gama Junior, bem como os sr.s Domingos da Costa Cerveira do Amaral, José Mendonça Gouveia e Caetano de Figueiredo para fazerem parte da comissão promotora da Festa da Arvore nesta villa. Após reunião, o sr. José Lemos foi nomeado presidente, (...) e deliberou-se abrir uma subscrição publica» para se adquirir uma bandeira “verde e rubra” para as escolas da vila. A 23 de Fevereiro o *Beira Alta* publica a subscrição com todas as participações pecuniárias de particulares, «49:250 reis», referindo que «nos festejos toma parte a philharmonica d’esta villa, que gratuitamente, offereceu os seus serviços.» A comissão da Festa da Árvore angariou um total de «59:750 reis» para «que ella decorra com todo o entusiasmo e brilho», como se lê na publicação saída a 9 de Março do mesmo periódico.

A edição de 2 de Março do jornal *Beira Alta* dá grande destaque na primeira página ao Programa da Festa da Árvore, indicando que esta se realizará a 9 de Março. Efetivamente as festividades na vila de Santa Comba Dão, «decorreu com o maior luzimento», sendo o programa cumprido rigorosamente, conforme constatamos no relato pormenorizado da notícia do dia 16 de março do *Beira Alta*.



Comissão promotora da Festa da Arvore,realisada em 9 de Março findo,n’esta villa
1.º plano—da esquerda para a direita—D. Martha do Resgate Oliveira, José de
Meyrelles e Aleixo Mendes d’Almeida; 2.º plano—idem—José Gabriel da Fonseca
Diniz, José Borges da Gama Junior, José de Lemos e Caetano de Figueiredo

Beira Alta (6 abr. 1913) n.º617



Vista da Vila de Santa Comba Dão com a
Escola Conde Ferreira ao cimo.

Após a salva de 21 morteiros, a filarmónica 1º de Maio iniciou o seu repertório musical pelas ruas da vila. Ao meio dia, juntaram-se centenas de crianças nas imediações da escola Conde Ferreira, tendo como distintivo um laço verde e vermelho (escolas oficiais) e somente verde dos colégios particulares. Formando duas alas de ambos os sexos, foram até aos Paços do Município, ostentando na frente a bandeira nacional obtida por subscrição pública, entoando, durante o cortejo, o hino nacional e o hino à árvore. Aqui ouviram uma brilhante alocução do professor Aleixo Mendes d'Almeida, tal como uma eloquente preleção do sr. Inspetor José de Meyrelles sobre a importância que a árvore desempenhava na nossa vida e na de todo o Universo, devendo, por isso amá-la.

Estas preleções, inspiradas no *Culto da Arvore* de Victor Ribeiro, publicado na íntegra no *Sul da Beira*, sensibilizavam jovens e adultos, reafirmando «que a Arvores é a nossa casa; é o navio que sulca os mares; é a meza em que comemos; é o livro onde vamos beber o rocio da Sapiencia; é o leito em que descansamos depois d'um dia de insano trabalho, e os lençóis que nos cobrem; é a roupa que envergamos e muitas vezes a agua que bebemos sequiosos; é o ar que respiramos e o alimento que nos dá calor e vida», como enaltece este periódico a 6 de março.

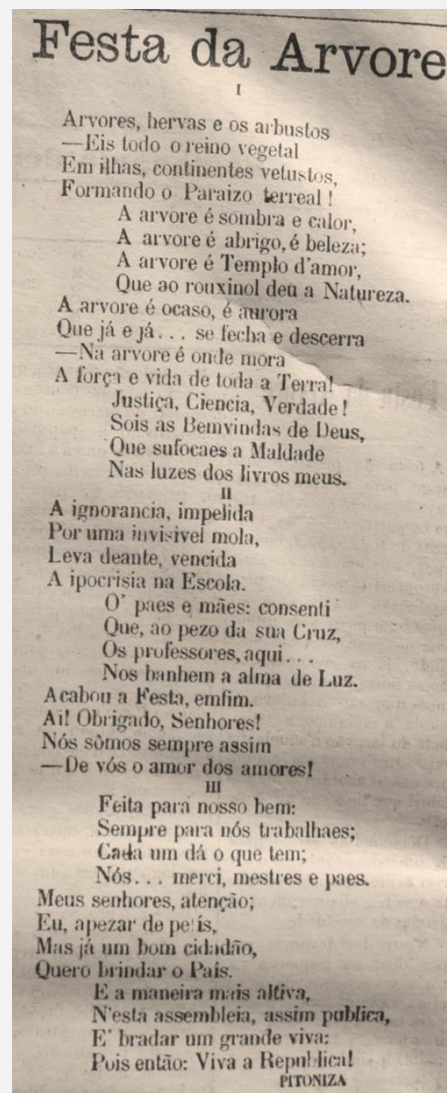
Também alguns alunos declamaram poemas e encenaram uns diálogos que arrancaram muitos aplausos em toda a população, que não parava de gritar «Viva a Patria! – Viva a Republica! – Viva a Escola! – Viva o concelho de Santa Comba Dão!». De seguida procedeu-se à plantação das árvores nos locais escolhidos e o cortejo cívico continuou, passando pela praça da República (Rossio) até ao cimo da Vila, regressando pela rua Mouzinho de Albuquerque, passando pelo Largo Alves Mateus, Viaduto até à escola onde teve lugar o “Lunch” prometido e muito desejado, composto por bolos, frutas e vinho, servido pelas “damas” da terra, sempre com acompanhamento musical da filarmónica.

Estas festas da árvore ocorreram, com programa idêntico, a 9 de março, em S. João de Areias, em Treixedo, em Couto Mosteiro e em S. Joaninho, como nos relata, com grande pormenor, várias edições do *Sul da Beira*. Somente houve problemas em S. Joaninho, já que alguns pais muito religiosos impediram as crianças de ir no cortejo, pois «a festa era maçónica (...) e os professores obrigavam as crianças a despirem-se, nuas!!» segundo publicação de 11 de março de 1913.



1. Em Santa Comba: A escola do Conde de Ferreira com a comissão de senhoras e cavalheiros que a ornamentaram—(Cliché do sr. José de Lemos.)

Ilustração Portuguesa (14abr.1913) nº 373



Sul da Beira (6 mar. 1913) nº 67

BIBLIOGRAFIA IMPRESSA

MARQUES, A.H. de Oliveira – *A 1.ª República Portuguesa: alguns aspectos estruturais*.
Lisboa: Horizonte, 1980.

MEDINA, João (coord.) – *História de Portugal: Monarquia Constitucional (II) à República (I)*,
Vol. XII. Lisboa: Ediclube, 2004

FONTES IMPRESSAS DE ANTA COMBA DÃO

SILVEIRA, António Rodrigues da Costa, dir.; FERREIRA, Caetano de Figueiredo, ed. – *Beira Alta*. (16 fev. 1913 – 6 abr. 1913) n° 610 –n° 617

ANJO, Cesar – *Sul da Beira*. (13 fev. 1913 – 27 mar. 1913) n° 64 – n° 70

FONTES DISPONÍVEIS NA WEB

VIEIRA, José Neiva – *O culto da árvore e a I República*. Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas. [Em linha]. (2010) [Consult. 13 Fev. 2019]. Disponível em WWW:

<http://www2.icnf.pt/portal/florestas/memoflo/resource/doc/cult-arv.pdf>

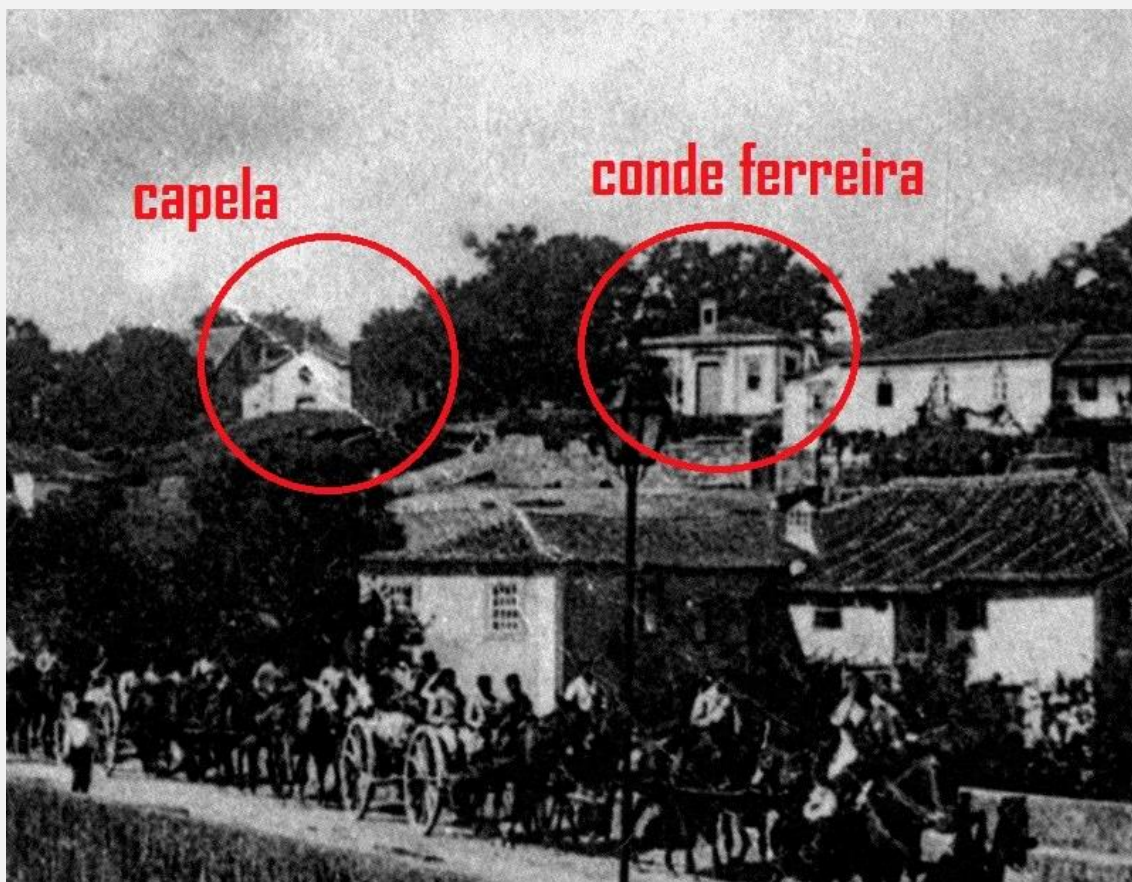
RIBEIRO, Victor – O culto da árvore. *Serões*. [Em linha]. Vol. 12, n° 72 (1911) [Consult. 13 Fev. 2019]. Disponível em WWW:

http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1911/N072/N072_item1/P9.html

DOCUMENTOS EM EXPOSIÇÃO



Prato alusivo à Festa da Árvore em Santa Comba Dão de 1913 – Recriação pela artesã santacombadense Regina Serra



Fotografia da Escola Conde Ferreira e da Capela de S. Mateus

Festa da Arvore

Até agora, a subscrição promovida a favor da festa da arvore e que continua aberta, rendeu a quantia de 53:250 reis, tendo concorrido para isso as seguintes pessoas, além das indicadas na lista que publicamos no numero passado :

Transporte	49;250
D. Loduvina C. Amaral....	1:000
A. da Costa C. do Amaral...	2:000
Dr. Antonio Jorge Marçal...	1:000
SOMMA...	53:250

Realizados os festejos a Comissão promotora publicará as contas da despeza devidamente documentadas.

*

O Hymno da Arvore

A antiga e conhecida casa de Lisboa **Grandes Armazens "Simplex,"** da Rua do Socorro, 23-B, com succursal na Rua de Santo Antão, 32 e 34, poz à venda pelo preço de 850 reis um disco com o **Hymno da Arvore**, composto expressamente pelo maestro Aboim Foios para a Festa da Arvore promovida pelo nosso illustre collega *Seculo Agricola*.

Na outra face tem o mesmo disco uma vibrante marcha, tambem exclusiva da mesma casa, com o titulo **5 d'Outubro**.

E' preferivel que os nossos leitores quando façam qualquer pedido remmettam logo a importancia com mais 100 reis de porte porque a remessa contra reembolso fica muito dispendiosa.

*

Hymno da arvore

Quem planta uma arvore enriquece a terra, mãe piedosa e boa:
E a terra aos homens agradece,
a mãe aos filhos abençôa.

A arvore, alçando o côlo cheio de seiva forte e de esplendor,
deixa cair do verde seio a flor e o fructo a sombra e o amor.

Crescei, crescei, na grande festa da luz, do aroma e da bondade,
arvores—gloria da floresta!
arvores—vida da cidade!

Crescei, crescei sobre os caminhos arvores belas, maternas,
dando morada aos passarinhos,
dando alimento aos animaes!

Outros verão os vossos pomos!
Se hoje sois fracas e crianças,
nós esperanças tambem somos:
plantamos outras esperanças!

Para o futuro trabalhamos:
pois, no porvir, nossos irmãos
hão de cantar sob estes ramos,
e bemdizer as nossas mãos!

*

Beira Alta (2 mar. 1913) nº 612

BEIRA ALTA

Festa da arvore

Em dia que opportunamente será designado, realizar-se-ha em todo o paiz a festa da arvore, em que tomaram parte as creanças das escolas.

Pelo que diz respeito ao nosso concelho, consta-nos que essa sympathica festa se realizará em todas as freguezias, trabalhando affanozamente todo o professorado para que, a exemplo do que se projecta pelo paiz, a referida festa revista o maior luzimento.

*

Tambem n'esta villa a festa da arvore promete revestir grande luzimento.

O illustre Inspector do Circulo Escolar de Santa Comba Dão, sr. José de Meyrelles e os distintos professores das escolas officiaes d'esta villa, ex.^{mas} sr.^{as} D. Carolina Jozephina das Neves Castro e Silva, D. Martha do Resgate Oliveira e Aleixo Mendes d'Almeida, convidaram por officio, os srs. administrador do concelho, presidentes da camara, e da junta de Parochia, secretario de finanças, thesoureiro da fazenda publica, respectivamente os srs. Miguel Paulo Ferreira Neves, José Rodrigues da Costa Lemos, Antonio Correia Pinto, José Gabriel da Fonseca Diniz e José Borges da Gama Junior, bem como os srs. Domingos da Costa Cerveira do Amaral, José Mendonça Gouveia e Caetano de Figueiredo, para fazerem parte da comissão promotora da festa da arvore n'esta villa.

As pessoas indicadas, com excepção do sr. Miguel Neves e Domingos da Costa que não poderam comparecer por motivos justificados, reuniram-se na 4.^a feira para tratarem do assumpto.

Por proposta do sr. Meyrelles, foi o sr. José de Lemos, nomeado presidente da Commissão, que ficou constituida por os signatarios do officio-convite e por todos os convidados.

Trocadas impressões sobre o programma da festa que opportunamente será anunciado, deliberou-se abrir uma subscrição publica para com o seu producto se adquirir uma bandeira para as escolas d'esta villa, iniciando a a Commissão com as seguintes quantias.

José de Meyrelles.....	3:000
José de Lemos.....	5:000
José Mendonça Gouveia...	2:000
Antonio Correia Pinto.....	1:000
José Borges da Gama.....	3:000
D. Carolina Castro e Silva.	500
D. Martha do Resgate ...	500
Aleixo Mendes d'Almeida.	500
José G. Fonseca Diniz.....	1:500
Caetano de Figueiredo....	1:000

TOTAL..... 17:500

Abilio Augusto da Silva... 1:000

A commissão deliberou sahir na proxima terça feira, afim de angariar donativos para a effectivação da festa, que, tudo leva a crer, será digna da nossa terra.

BEIRA ALTA

A festa da arvore

Foi programisada a festa da arvore, em todo o paiz, para o dia 9 de março.

Como noticiamos no passado numero, a Commissão organisa-da para proceder à effectivação da festa da arvore n'esta villa, sahio na terça feira, a fim de angariar donativos para custear os festejos, e todas as pessoas a quem se dirigiu, do melhor grado se inscreveram na lista dos subscriptores.

Até á hora em que escreve-mos, dignaram-se auxiliar a Commissão as seguintes pes-soas, com as seguintes quan-tias:

Tudo leva a crer, pois, que a sympathica festa attinja gran-de brilho.

A Commissão que a promove, está animada dos melhores de-sejos de corresponder ao favo-ravel acolhimento que o publi-co lhe tem dispensado.

Logo que o programma da festa esteja elaborado, publica-lo-hemos.

A festa em que tomarão par-te todas as creanças das escolas d'esta villa, officiaes e particu-lares, será annunciada com a devida antecedencia.

A subscrição continua a-berta podendo qualquer quan-tia ser entregue á Commisseo dos festejos ou n'esta redacção.

Nos festejos toma parte e philarmonica d'esta villa, que gratuitamente offereceu os seus serviços.

José de Lemos	5:000
José de Meyrelles	3:000
Dr. Antonio Silveira	3:000
José Mendonça Gouveia	2:000
José Borges da Gama Junior	2:000
Dr. Francisco da C. B. da Gama	2:000
José Gabriel da Fonseca Diniz	1:500
Luiz Peixoto	1:500
Alfredo Gomes Coelho	1:500
Major Novaes Rosa	1:200
Antonio Correia Pinto	1:000
Abilio Augusto da Silva	1:000
Dr. Manuel de Sousa Morato	1:000
Annibal Paes de Brito	1:000
Francisco Marques Lamartine	1:000
José Antonio Gomes Paes	1:000
Francisco Ferreira d'Almeida	1:000
Dr. Luiz d'Oliveira Massano	1:000
Dr. Alfredo Ferrão	1:000
José Soares de Loureiro	1:000
Francisco Mendonça Gouveia	1:000
Caetano de Figueiredo	1:000
Pedro d,Almeida	700
D. Carolina N. Castro e Silva	500
D. Martha do Resgate Oliveira	500
Aleixo Mendes d'Almeida	500
D. Prazeres Leão	500
D. Amparo Cruz	500
Albino Dias de Figueiredo	500
Antonio Ferreira d'Almeida	500
Dr. J. Pinto Loureiro	500
José Joaquim do Carmo Pires	500
Manuel Bernardino de Brito	500
José Marques de Mattos	500
Joaquim Cordeiro dos Santos	500
Fillipe Augusto Figo	500
Antonio Rodrigues dos Santos	400
José Joaquim de Castro	300
José Antunes Junior	300
Sargento Pinheiro	300
Conceição Fernandes	300
Hylario Fernandes	300
Manuel da Veiga Matheus	300
Antonio Cravo de Lima	300
D. Loduvina Cruz	300
Abel dos Santos	300
Antonio Martins dos Santos	300
Duarte Botto Machado	200
José Agostinho Alves	200
Miguel Theophilo	200
João Marques de Mattos	200
Pedro Cardoso Pereira	200
Francisco de Souza	200
João Ferreira da Costa	200
Bonifacio Gomes dos Santos	200
Adelaide Neves	200
Henrique Marques da Costa	200
Antonio Pereira da Veiga	200
Francisco de Jesus	200
Luiz d'Oliveira	200
Luiz Mauricio	200
Augusto dos Santos Oliveira	200
Affonso Mamede	200
Matheus Sequeira	200
Eufrazina Paes	120
Demetrio Gonçalves	100
José Gomes Carolino	100
Marianno da Trindade	100
Antonio dos Santos Pereira	100
Maria A. de Mello	60
SONMA	49:250

BEIRA ALTA

A Festa da Arvore

Està hoje em festa a nossa terra. A' hora em que principiari a distribuição da «Beira Alta» já deve ter-se realizado o primeiro numero do programma que publicamos no domingo passado, da Festa da Arvore.

Pelos grandes esforços empregados pelo illustre Inspector d'este Circulo Escolar, sr. José de Meyrelles que, assim como o digno professorado d'esta villa, tem sido verdadeiramente incansavel para que a festa das creanças atinja o maior brilhantismo, é de crer que a sympathica solemidade deixe, não só na petizada mas ainda em todos os Santa Combadenses as mais gratas recordações.

A Commissão auxiliar d'aquellas entidades officiaes, tambem tem contribuido com a mais decidida boa vontade e interesse para que as creanças das escolas jámais esqueçam a Festa da Arvore.

Que ella decorra com todo o entusiasmo e que nem a mais pequena nota discordante venha empanar-lhe o brilho, são esses os nossos votos.

*

*

Segundo consta, os habitantes dos predios confinantes com as ruas por onde passa o cortejo, tencionam embandeirar as portas e janellas das suas cazas, acedendo assim ao pedido da Commissão dos festejos e, alem de outros pontos da villa, serão vistosamente ornamentados os largos fronteiros aos Paços do Concelho, serviço de que gentilmente se encarregaram os srs. José Soares de Loureiro, João Ferreira Onofre, Duarte Augusto Botto Machado Francisco de Souza e José Agostinho Alves.

Para a subscrição aberta em beneficio da Festa da Arvore, cuja lista e importancia temos vindo publicando, contribuíram mais os seguintes srs:

Transporte	53:250
Dr. Godinho do Amaral	3:000
Miguel Neves	1:000
José Correio dos Santos	1:000
José Jorge dos Santos	1:000
Antonio Ferreira d'Almeida	500
Total.....	59:750

Beira Alta (9 mar. 1913) nº 613

igação
aqui
orque,
data
ciação
de que
o me-
dos os

ste as-
por ter
, nem
per-
ariado
a festa

quan-
umava
do na
or mi-
da pe-
as les-
eito, o
re em
forma
todos

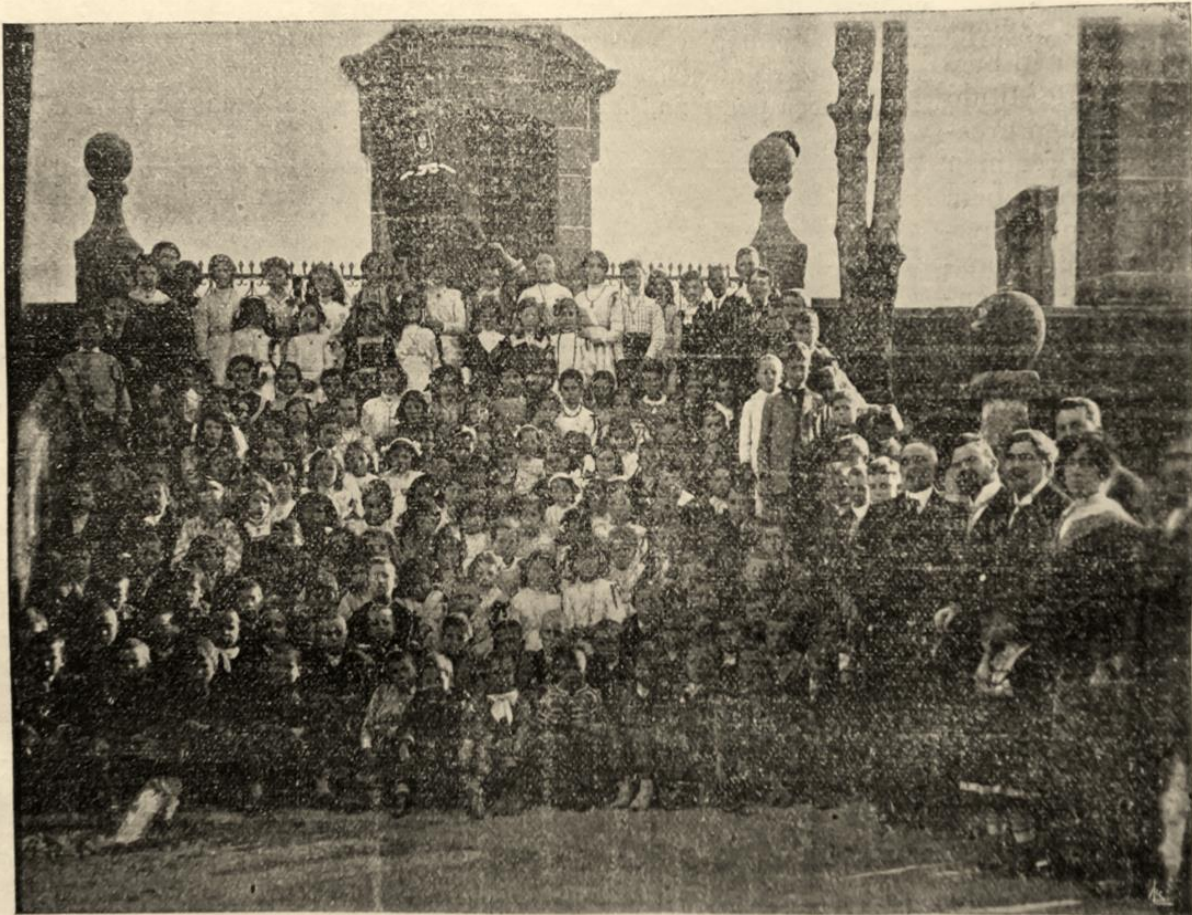
os tem
boa fé
quaes,
salien-
es tra-
se, a-
estima
votar;
o in-
o lhes
própria
nós te-
ressar-
os fes-

da festa. Mas na minha quali-
dade de filho d'esta terra a que
muito quero e a que dedico u-

administração da Comissão exe-
cutiva da Comissão de Viticultu-
ra do Dão e sob a inspecção do

tivesse adduzido razões de muito
peso, que demonstraram no entan-
to, apenas, quanto è defeituosa a re-

analyse
rido D
Com
te para
do artig
forem c
di: de q
produ
pois est
cometic
les pro
Isto, só
de que
p.te pe
gulame
e §.º 4.
mostra
não é s
que pod
ter a ol
to. Assi
ci ade,
portado
te para
rem ou
nho de
tras pr
podere
rosa, (Q
ta a reg
são de
viticult
exporta
Assim
Fiscalis
auto e
cal, nos
27 de S
venção.
mesma
te com
dever n
racter
lador
leis pro
que nã
ção st
a V. E.



Grupo de creanças das escolas officiaes e particular que tomaram parte na Festa da Arvore e a Comissão promotora dos festejos.

Beira Alta (6 abr. 1913) nº 617

(Cliché do sr. José de Lemos)



Ilustração Portuguesa (14 abr. 1913) nº 373

(Cliché do sr. José de Lemos)

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

BEIRA ALTA nº 612 - Santa Comba Dão, 2 de Março de 1913

A FESTA DA ARVORE

Como dissemos no ultimo numero da «Beira Alta». Foi determinado, oficialmente, que a Festa da Arvore se realisasse em todo o paiz no proximo domingo, 9 do corrente.

Em obediencia a essa determinação, no referido dia realizar-se-ha essa festa em todas as escolas officiaes d'este concelho, empenhando-se o professorado em dar-lhe a maior pompa e luzimento. N'esta villa, e em face do programma que a respectiva Commissão dos festejos elaborou e que em seguida publicamos, a festa symbolica da plantação da arvore, cujas vantagens desnecessario e torna encarecer, revistarà grande interesse.

Oxalá o tempo permita que a festa attinja o luzimento que a Commissão deseja imprimir-lhe.

Eis o

PROGRAMMA

Às 6 horas uma salva de 21 morteiros será lançada junto à escola Conde Ferreira, percorrendo, de seguida, a philarmonica 1.º de Maio, as principaes ruas da villa, executando o hynno Escolar.



Pelas 13 horas sahirão da escola do sexo masculoni, encorporados, os alumnos de todas as escolas officiaes e particulares desta villa, com os seus pendões, acompanhados da philarmonica, Inspector do Circulo e professorado, dirigindo-se, pela rua Almirante Candido Reis, aos Paços Municipaes, onde serão recebidos pela vereação, auctoridades e convidados.



Pelas 14 e meia horas proceder-se-ha à festa da plantação da arvore, nos largos fronteiros nos Paços do Municipio e, antes d'essa plantação, feita por creanças das escolas, o professor d'esta villa fará uma prelecção adequada ao acto.

A seguir a esta prelecção algumas creanças das escolas officiaes recitarão poesias e outras producções litterarias, cantando todas os hynnos nacional e da arvore; findo este acto solemne, todas as creanças entrarão em forma, constituindo-se um cortejo civico com auctoridades, funcionarios publicos e povo, que, acompanhado, pela philarmonica seguirá pela rua do Açougue, Praça da Republica, ruas Capitão Roçadas, Mousinho d'Albuquerque, Largo Alves Matheus, Viaducto, até à escola Conde Ferreira, que estará aberta ao publico, e devidamente ornamentada.

Ahi será servida às creanças um **Lunch** por algumas das mais gentis damas da nossa terra, tocando durante o acto a philarmonica.

Para a escola do sexo masculino foi adquirida uma bandeira Nacional, por subscrição publica, e confeccionada n'um dos principaes ateliers de Lisboa.

A Commissão dos festejos roga com todo o empenho, aos moradores da nossa terra, o favor de embandeirarem as suas casas, principalmente as que ficam no percurso do cortejo civico.

A COMMISSÃO

Beira Alta, nº 614 - Santa Comba Dão, 16 de Março de 1913

Resumo: relato noticioso da Festa da Árvore de 9 de Março de 1913

A Festa da Arvore

Como prevíamos, a Festa da Arvore que no domingo passado se effectuou nesta villa, decorreu com o maior luzimento e parece que até a natureza quiz associar-se à festa das creanças com um dia cheio de sol, rutilo a quente.

O programma foi rigorosamente cumprido.

Ao romper d'alva, depois de estrear a annunciada salva de 21 morteiros, a filarmónica local percorreu as ruas da villa, executando o hymno das escolas.

Muito antes da uma da tarde, nas imediações da Escola Conde Ferreira, centenas de creanças de ambos os sexos, das escolas officiaes e particular, muito bem vestidas e limpas, tendo como distinctivo um laço verde e vermelho, as das officiais, e verde as da escola particular, pejavam o largo e muitas centenas de curiosos observavam a movimentação da petizada.

Pouco depois da hora marcada para a organização do cortejo e após a chegada da filarmónica, as creanças formaram em duas alas: de um lado as do sexo masculino, do outro as do sexo feminino, e seguiram pela antiga rua do Correio, viaducto rua Almirante Reis, até aos Paços do Conselho que estavam tanto o edifício como o largo fronteiro, vistosamente engalanados.

À frente, conduzida por uma menina, ia a bandeira que por subscrição publica foi oferecida às Escolas Primarias, e junto d'ella o ilustre inspector do circulo sr. José de Meyrelles. A seguir, a bandeira da Escola Particular; pouco depois a bandeira da Associação dos Operarios, em seguida a da Tuna Recreativa, fechando o prestito a philharmonica, tambem com a sua bandeira, seguida de muito povo.

Quando o cortejo chegou em frente dos Paços do concelho, entoando as creanças, no trajecto, os hymnos nacional e da Arvore, á entrada do edifício estavam o sr. vice-presidente da Camara e um vereador, aos quaes o sr. Inspector do Circulo saudou em nome das creanças, saudações que o sr. José de Lemos, vice-presidente agradeceu, sendo levantados vivas, por aquelles srs. á Patria, à Escola e á Republica.

As creanças entoaram de novo a Portugueza e foram formar em frente da Ribeira em duas filas, voltadas para o chafariz. Então, o considerado professor da Escola do sexo masculino sr. Aleixo Mendes d'Almeida, dirigindo-se ás creanças, proferiu a seguinte allocução, que agradavelmente impressionou o auditório:

Creancinhas!

A Festa da Arvore que hoje aqui celebramos e que todo o paiz, n'este mesmo dia, num belo movimento solenisa, é por todos os títulos uma festa encantadora, não só pelo brilhantismo que em si reflete, mas muito principalmente pela afirmação dos nossos sentimentos civico e patriotico e pela lição de moral que com ela se pretende dar a vós, meus meninos, cujos cerebros tenrinhos a começar de se abrirem para as sensações do mundo rial, precisam de ser encaminhados de maneira que a vossa conduta sempre justa e irrepreensivel, nunca se desvie do trilho luminosissimo do bem, pois só assim podereis ser felizes, cidadãos uteis a vós e á Patria, que na medida das nossas aptidões, todos temos obrigação de engrandecer. Não tarda, criancinhas, que tereis de ir plantar algumas arvores, e esse ato, que a todos vós se apresenta duma extrema simplicidade, reveste, no entanto, ao nosso espirito um encanto como eu não conheço outro tão edificante, comovente e tão grandioso!... Plantar uma arvore por vós é plantar uma inocencia por outra, é entrelaçar, num sentimento vivo de carinho, dois seres que são a mais bela representação da graça, do amor e da candura! Eu sei, criancinhas, que já estimaveis a arvore mas ides agora estima-la ainda mais; defendei-a, acarinha-la, depois de conhecerdes a sua grande utilidade e

beleza, a bondade e saúde; mas é também glorificar o trabalho, prover a uma grande parte da nossa alimentação, sustentar numerosíssimas indústrias, criar, em resumo, todas as riquezas que na cultura dela, têm a base essencial da sua razão de ser e que são o bem estar e a prosperidade duma nação. Mas vejamos melhor quão os benefícios que uma árvore nos concede, isto é, a sua utilidade, e como ela desde que alvorecemos na vida se encontra a nosso lado, nos acompanha, e, solicita, acorre a prover a todas as nossas mais imprescindíveis necessidades.

De onde sai a madeira do berço onde se dorme o primeiro sono da inocência, a do leite em que pela vida fora se busca o repouso dum dia de labuta e de fadiga, o cabo da enxada, o arado com que remexemos a terra, tornando-a fecundante e produtora da abundância, que é o nosso bem estar? Positivamente da árvore. Depois de dar tudo isto e também a matéria prima de muitas indústrias, dá-nos ainda a madeira de que construímos as nossas habitações, e acha com que cosinhámos os alimentos e, no inverno, durante as noites frigidíssimas, a chama a cujo calor nos aquecemos.

No estio, com a chegada de Julho e Agosto, caniculares, quem consola o caminhante à hora calida do dia, ofertando-lhe uma sombra reparadora da energia e frutos saborosos com que, deliciosamente, refresca a garganta sequiosa e sedenta? Ainda a árvore.

Mas ela é também um agente da saúde. Por meio do tronco, dos ramos e da folhagem, respira oxigénio e absorve anidrido carbónico do ar, purificando-o desta maneira, o qual se torna agradável e sadio. Para comprova-lo basta observar a notável e a benéfica influência que o ar carregado de emanações balsâmicas e rico de oxigénio exerce em indivíduos afectados de certas doenças, como por exemplo a do ar dos pinhais, quando isolados em certas condições, em indivíduos de doenças pulmonares. A existência do arvoredo regula ainda a acção das águas, quer evitando a queda das grossas chuvas pela absorção da humidade na atmosfera, quer diminuindo a impetuosidade das correntes que divide por meio do tronco, impedindo assim o desnudamento das montanhas, a destruição dos campos e o devastamento das colheitas. Pela copa detém os nevoeiros e condensa-os, fazendo com que a humidade desça até ao solo, onde muitas vezes, sem haver chuva se formam interessantes regatos. Mas a árvore como ornamento não será o mais lindo ser da natureza? Comparai a região seca, escaldada e nua com outra em que floresçam os pomares, os bosques, os parques e os jardins, e notai a favor d'este flagrante contraste, a grandiosa diferença! D'um lado a desolação da morte quase o horror; d'outro, vergeis admiráveis, onde a vida palpita, cheios de animação, de poesia e beleza, montanhas toucadas de pujante e viçoso arvoredo, em que o conjunto da virente romaria assimilha um toldo de verdura, no qual a povoação se senta com que sorrindo adormecida! Visitai um bosque, uma floresta e senti n'ela o seu siciar, experimentai a viração que ali perpassa como um beijo, um afago, ou uma carícia misteriosa de amor, e dizei-me se pôde haver enlevo maior?! Oh! não!

Mas olhai também a nossa linda história e vê-de o magnífico papel desempenhado pela árvore.

Das suas madeiras se construíram as caravellas que transportaram os portugueses à África, as naus que levaram Vasco da Gama à Índia, ao paiz do ouro e das pedrarias, que levaram os portugueses às quasi infinitas e mais distantes paragens do mundo, onde o pendão de Portugal foi levantado e o nosso domínio estabelecido.

Se não fosse a árvore não teriam os portugueses, sulcado os mares vastíssimos e tenebrosos de lendária memória, Afonso de Albuquerque conquistado para Portugal o glorioso título de leão do ocidente. Mas quantos feitos, tantíssimos, praticados por ilustres capitães não enchem de orgulho a nós portugueses, e que na árvore tiveram a base da sua realização?!...

Vou terminar, creancinhas, mas antes de o fazer, peço-vos que atendeis bem no que ali fica dito da árvore, que é apenas uma palida ideia da enormíssima utilidade dela, para que vejais quanto reconhecimento e gratidão lhe deveis, afim de que de futuro, vos torneis o seu maior amigo, a sua defeza, o seu esteio mais seguro, porque praticando isso, bem mereceis da Patria, bem mereceis da Humanidade.

O inteligente professor, escutado com o maior respeito foi, muito cumprimentado e abraçado pelas pessoas que mais perto estavam.

Depois o menino Antonio Cesar Abranches Marques recitou com extrema correcção uma interessante poesia que a falta de espaço nos inibe de publicar, e de tal forma o inteligente rapaz se desempenhou do seu papel que muitas pessoas o tomaram nos braços, victoriando-o e beijando-o enternecidamente.

Seguiu-se depois um dialogo entre a menina Julia Costa e José da Costa Fortes Borges da Gama, sahindo-se ambos muito bem, fallando com a maior naturalidade e ouvindo no final estrepitosos applausos. O mesmo aconteceu aos meninos José dos

Santos e Francisco da Costa Fortes Borges da Gama quando terminaram o seu dialogo, proferido com a mesma correcção dos antecedentes.

A philarmonica tocou o hymno nacional e á varanda da caza do sr. dr. Picanço assomou o sr. José Meyrelles que ia discursar. Como por encanto, estabeleceu-se um grande silencio e todos os olhares se voltaram para o illustre funcionario, que produziu um esplendido discurso de que, apenas, pelas notas que podemos tomar, damos um palido reflexo, sentindo deveras não poder reproduzi-lo na integra.

No entanto, os que não tiveram a felicidade de o escutar ficarão fazendo ideia do que foi e do que valeu a oração proferida pelo sr. José Meyrelles, constantemente interrompido pelos applausos da multidão e que principiou assim:

Hoje, do norte ao sul d'este rinção formosissimo que nos serve de berço, a patria de todos os portuguezes, todas as aldeias, por mais humildes, se vestem de gala para solemnizar a Festa da Arvore. Santa Comba, formosa rainha do Dão, não podia ficar indifferente a esta festa civica e patriotica e por isso, a pelido d'elle, orador, e dos professores da séde de freguezia, séde do circulo, uma benemerita Comissão composta de alguns cidadãos e seus queridos amigos... figuras de brilhante destaque no nosso meio, pela nobreza dos seus sentimentos, envidàra todos os esforços para que a Festa da Arvore resultasse proveitosa, e muito lhe aprazia affirmar que ninguem de Santa Comba, por mais humilde, tinha recusado o seu obulo para a effectivação da festa feita pelas creanças das escolas. A vossa festa, cidadãos! exclama o orador, não tem o *mis-en-cene* brilhante das festas dos grandes centros; não tem o fulvo rutilar das fardas douradas, nem o luxo berrante dos predestinados da sorte: mas tem aqui a palpitar febrilmente, o coração do povo generoso, com os olhos postos n'aquellas creanças que hoje são o enlevo dos nossos olhos e serão no futuro o amparo da nossa velhice e os defensores d'este torrão abençoado em que nascemos.

Estrondosos applausos coroaram estas palavras do sr. José de Meyrelles que, visivelmente encommodado continuou falando commovidamente:

A vida, creanças! polarisa no nascimento e na morte. Entramos na vida por um gemido, e è a madeira da arvore, transformada em berço como acaba de vos dizer o vosso professor, que serve para vos embalar; sahimos da vida por um suspiro e é ainda a arvore cuja madeira se transforma em esquife, que serve para nos conduzirem ao coval a mineralizar-nos para os que não creem, e em busca d'uma vida melhor para os que teem fé. E entre estes dois polos, quer distantes, isto é, quer a vida seja curta, quer a longa, a arvore acompanha-nos sempre fielmente como carinhosa bemeifeitora.

A arvore, exclama o orador, não serve unicamente para aformosear os nossos campos e as avenidas publicas; a arvore, não serve simplesmente para dar guarida às avezinhas que nos encantam e dulcificam a alma com a dulcificam a alma com a dulcissima musica dos ninhos; a arvore não serve simplesmente para sob a sua camma frondosa o homem extenuado pelo trabalho e ferido pelo calor do estio buscar agazalho e frescura; a arvore nas suas multiplas applicações é a fonte inexgotavel da riqueza publica.

O orador faz, em seguida, uma interessancte descripção das vantagens e applicações da arvore, terminando por dizer: á arvore, creanças! devem os nossos antepassados a madeira para a construcção d'essas caravela de que vos falou o vosso professor, caravellas que, sulcando altivamente as ondas do mar procelloso e indomito, foram desde a foz do Tejo à America levar a civilisação e marcar nos variados pontos do globo, conquistas dos portuguezes. E estes cidadãos! com fé e ardor na alma, seriam capazes de conquistar as estrellas se isso fosse do dominio do possivel, na phrase brilhantissima d'um espirito gentil que já não vive.

O orador, fallando sempre eloquentemente, na mesma ordem de ideias, àcerca do respeito que a Arvore merece, disse ainda: Ha um proverbio indiano que deve estar na nossa mente: «Tôdo o homem, que uma vez plantou uma arvore, pode dizer-se com afoiteza que não viveu inutilmente» affirmando e demonstrando em seguida: o grau de civilisação de um povo, está na razão directa do amor e do carinho que a arvore dispensa. E assim, todo o homem que attenta contra uma arvore, pratica uma acção hydionda, reveladora de uma grande malvadez.

Para que haja o necessario culto pela arvore, é preciso que ao povo se dê uma educação integral e essa sò a escola a pode dar.

O sr. Meyrelles em seguida fez a apologia da escola citando varios exemplos da historia e alguns d'elles ainda do nosso tempo, demonstrativos de que a instrucção e a educação civica, são a maior alavanca do progresso e da civilisação dos povos que á escola devem a sua gloria e os seus triumphos,

como o Japão que ainda ha pouco venceu a Russia. E por isso, todo o pae que não manda o filho á escola, pratica um crime, contra si, contra a creança e contra a patria.

N'uma commovente invocação do amor da patria, o orador teve passagens e imagens felicissimas, que o publico sublinhou com calorosos applausos. Descreveu as bellezas naturaes e artificiaes do nosso paiz; fez a comparação da forma como as grandes nações respeitavam a sua patria e a tornavam conhecida, enquanto que, exclama, nós, os portuguezes, parece que nos comprazemos em deprimir e achincalhar tudo o que nos pertence. Aconselhando as creanças a que amassem sempre este recanto abençoado da europa, disse que, todos temos obrigação de defender a patria quando em perigo. Cabe-nos o dever de a respeitar e fazel-a respeitar. E, n'um repto de eloquencia, exclama: façamos como o antigo senhor feudal que nunca abandonava o seu castello roqueiro se não quando a ultima lançada lhe fazia verter a ultima gotta de sangue. Façamos nós todos, com os nossos corações uma barreira invencivel em volta da patria e nem por cobardia, nem por traição a abandonemos, senão quando, com a ultima lançada, nos sair das veias, a ultima gotta do nosso sangue.

O orador, dirigindo-se às crianças, concitou-as ao cumprimento dos seus deveres e exclama: Segui pela estrada da vida em fôra; e, quer ella se vos tapete de flores, quer d'abrolhos que por vezes vos façam deixar regueiras de sangue no caminho percorrido, tende bem firme sempre no coração o sagrado amor pela patria. Gritae comigo e com este povo de Santa Comba, mas tão alto, que se fosse possivel, se ouvisse por todo o mundo:

- Viva a Patria!
- Viva a Republica!
- Viva a Escola!
- Viva o concelho de Santa Comba!

Uma estrondosa salva de palmas reboou pelo espaço e orador, já muito fatigado, disse ainda:

Um filho d'esta terra, que muito a ama e que a esta festa não pode vir pelos seus affazeres profissionaes, encarregou-me de o representar.É elle o sr. dr. Antonio da Costa Godinho do Amaral, um nobilissimo character, que, nem pela sua ausencia, deixa de estar aqui pelo coração e là de longe se associa a esta festa, pois que é um amigo de sua terra. Desempenhando-me, gratamente, da tarefa que me incumbiu, eu quero saudal-o e bem do fundo d'alma gritar:

- Viva o dr. António Godinho do Amaral! Viva! gritaram muitas vozes.

Outro cavalheiro distinctissimo illustre entre os mais illustres, character de primeira grandeza, incubiu-me tambem da honrosa missão de o representar n'esta solemnidade. Não é de cá, mas a esta terra muito quer e a quem ella estima e respeita pelas altas qualidades que o distinguem. Não veio a esta festa, por motivos que infelizmente todos conhecem, a doença da sua idolatrada esposa, mas a ella se associa de todo o coração. É o sr. dr. Antonio Silveira. Para s. ex.^a as nossas saudações, os nossos respeitos bem sinceros e bem sentidos.

- Viva o sr. dr. Antonio Silveira!
- Viva o sr. dr. Antonio Silveira, repetiu a multidão.

O sr. José de Meyrelles, foi, em seguida, cumprimentado e felicitado pelas pessoas de maior representação que, enlevadas, lhe escutaram o notabilissimo discurso que profunda e agradavelmente impressionou a numerosa assistencia.

*

Procedeu-se em seguida á plantação das arvores, nos locaes escolhidos. A petizasa, alegre e chilreante, disputava avidamente a sua vez para deitar a sua pá de terra sobre as raizes das arvores, que ali ficam como recordação da sua festa.

Durante esta cerimonia, a philarmonica tocou a portugueza e outras peças do seu reportorio e, finda a plantação, o cortejo civico organisou-se pela ordem e seguiu pela Rua do Talho, Praça da Republica, até ao cimo de Villa, retrocedendo e seguindo pela Rua Mousinho d'Albuquerque, Viaducto, Rua do Correio, até à Escola Conde Ferreira, onde as creanças entoaram de novo a Portugueza.

Depois, teve logar o **Lunch** ás creanças, perto de 300, muito variado e abundante, servido por um grupo de senhoras e meninas e por alguns cavalheiros.

A rapaziada, bem comida e bem bebida folgou e riu já o sol ia a esconder-se quando a philarmonica tocou os ultimos acordes do hymno nacional e a multidão dispersou, satisfeita com o exito da festa, que decorreu sempre com o maior entusiasmo, sem a mais pequena nota discordante que lhe empanasse o brilho.

- A Escola Conde de Ferreira, estava vistosa e luxuosamente engalanada com colchas e flores naturaes, vendo-se ao centro o retrato do chefe de Estado, sendo o edificio que esteve todo o dia aberto ao publico, muito visitado.

- No cortejo, que era dirigido pelo sr. José de Meyrelles, pelas ex.^a sr.^a D. Martha do Resgate Oliveira, pelo sr. Aleixo Mendes d'Almeida, professores, e pelos srs. José Gabriel da Fonseca Diniz, José de Lemos, José Borges da Gama Junior, Antonio Correia Pinto e Caetano de Figueiredo Ferreira, membros da Comissão dos festejos, encorporaram-se o digno Commandante do Districto de Recrutamento n.º 35, sr. major Rosa, representantes da Associação dos Operarios e da Tuna, funcionarios publicos, e muitas pessoas de representação.

- Nos edificios publicos tremulava a bandeira nacional, e algumas casa situadas nas ruas por onde o cortejo passou e sobre o qual foram lançados montões de flores, estavam embadeirados, pendendo de algumas janellas e sacadas, lindas colchas.

- A falta d'espaco inhebenos de descrever a forma decorreu a Festa da Arvore nas restantes freguezias do concelho.

Sabemos que em todas ellas attingiu o maior brilhantismo, sendo dignos de applauso todos os professores que empregaram os melhores esforços para que a festa resultasse proveitosa para as creanças.

Mas nem sò o professorado merece louvores pelo seu trabalho. Os habitantes das differentes freguezias tambem os merecem pelo muito que trabalharam para o exito que se alcançou.

*

Agradecimento

A comissão organizadora da festa da arvore, n'esta freguezia, protesta por este meio, às auctoridades, corporações locaes, funcionarios publicos e demais cidadão que abrilhantaram o acto solemne efectuado no dia 9 do corrente mez com a sua prezença e se encorporaram no importante cortejo civico, o seu indelevel reconhecimento, visto não poder fazel-o pessoalmente a todos, como era do seu desejo, merecendo-lhe especial agradecimento a gentis damas que voluntariamente tomaram o encargo de distribuirem o Lunch ás criancinhas.

Santa Comba, a nossa formosa terra, honrou e mais uma vez, as suas nobres tradições de civismo com que todos nos congratulamos.

Santa Comba Dão, 14 de Março de 1913

A Comissão

Sul da Beira, nº 68 - Santa Comba Dão, 13 de Março de 1913

A Festa da Arvore n'uma terra de selvagens?

Tambem se realizou esta simpatica, educativa e instrutiva festa em S. Joanhinho, de Santa Comba Dão e com melhor exito do que se esperava, em virtude d'uma previa sementeira, feita pela malicia e perversidade de impertinentes mascarrões.

Às onze, hora combinada pelos dois professores, formaram em duas alas, as creanças do sexo masculino, junto à sua escola, e, com a bandeira nacional á frente, vieram cantando a portugueza, esperar as suas colegas á entrada da povoação.

Ai, feitos os cumprimentos, deram o lógar d'honra ás alunas da escola de Vila Pouca, e marcharam, formados em alas, com o simbolo da Patria á frente, cantando todos o hino nacional até ao centro da Avenida Aurora da Liberdade, onde se tinha feito e enfeitado um corêto, em cuja frente se colocou a bandeira que para os selvagens da freguezia representava o Diabo do Inferno...

O professor declara á diminuta assenblêa que assente e atenda á exposição que alguns dos seus alunos vão fazer para compreenderem o significado e fim da festa que tão perversa, malevola e estupidamente lhe tinham pintado.

Efetivamente subiram ao corêto os alunos exercitados que, de viva voz e manuziando exemplos, desenvolveram as seguintes teses.

- 1.º - A harmonia entre os trez reinos da natureza.
- 2.º - Os orgãos da planta e das flores.
- 3.º - A alimentação das arvores.
- 4.º - Semelhança entre a alimentação da arvore e a alimentação do homem.
- 5.º - A reprodução das arvores.
- 6.º - Os beneficios que recebemos das arvores.
- 7.º - A pressão atmosferica; calculo no quadro preto do pezo da coluna d'ar que incide sobre as nossas cabeças, e demonstrativa, porque nos não esmaga.
- 8.º - Movimentos da terra exemplificados com uma esfera; o dia e a noite; o nascer e o pôr do sol; os eclipses do sol e da lua, explicados em desenhos no quadro preto.

Depois subiram ao corêto mais dez alunos que recitaram lindamente as quadras, para este fim, compostas e publicadas no "Sul da Beira" pela sua elegante e adoravel *Pitoniza*.

Fechou as exhibições uma elegante creancinha da escola do sexo feminino que recitou magistralmente uma poesia.

Formadas as creanças, dirigiram-se, cantando o hino da plantação da arvore, para as covas onde se plantaram 6 arvores que ficaram ali como marca da civilização de um povo...

Terminados os trabalhos, foi servido ás creancinhas das escolas e outras pobresinhas que apareceram, numa simples mas abundante refeição, distribuida pela professora e pelas ex.mas senhoras D.^a Adelaide e Augusta Picanço – unicas creaturas de destaque que não obedeceram ao *santo* e á *senha* da abominavel reacção!

Acabada a refeição, e depois de alguns minutos de folga e brincueiros, as creanças formaram, como tinham entrado para a Avenida, e cantando o hino nacional viéram até fora das portas, onde professores e alunos das duas escolas se despediram, voltando debaixo de formas os do sexo masculino até à Avenida onde se deu fim á festa **maçonica!!!**

Falaram, depois dos alunos, o esposo da professora, Francisco Picanço de Leão, explicando e muito bem, o sentido real da festa, e o professor que explicou o sentido moral da mesma.

*

Nota explicativa (o seu a seu dono).

A selvageria manifestou –se sómente nas povoações maiores – S. Joaninho e Vila Pouca, para honra de Casal Bom, Pedraires, Real, etc.

E manifestou-se, essa selvageria, primeiro nos preparativos da festa pela guerra brutalmente estúpida que lhe moveram. Uma individualidade toda feita de *bondade e inteligencia*, foi pedir a um ensaiador das creanças que não continuasse a ensinar lhes “aquelas porcaria”. E conseguiu o seu fim. “ A festa era maçonica: era um atentado contra a religião, porque os Santos já estavam com a cara coberta”. Finalmente, para dizer tudo, dúma só vez – os Santinhos fizeram correr, e com isso retiraram da festa creanças matriculadas: **que na festa os professores obrigavam as creanças a despirem-se, nuas!!!**

A selvageria manifestou-se segundo, e da seguinte maneira. – Os professores conhecendo a tôrpe guerra que os ignorantes, conduzidos pela mão dos perversos *santinhos* faziam à festa determinaram, no seu programa, surpreender o povo e atrair-o á festa, oferecendo-lha em frente da Igreja e à saída da missa – o que realmente conseguiu em parte, isto é, que a coincidência se realizasse. Porém, o que não conseguiu foi atrair muitos e muitos *santinhos* e *santinhas*, que obrigados a encontrarem-se com o angelico cortejo de creanças e á frente o venerando simbolo da Patria, apertavam nas garras crispadas os rosados, rangiam os dentes, e faziam das mãos lenços, chapéus e chailes outros tantos entr’olhos, para não verem aquela *diabólica procissão!*

E, contudo sabe-se que os dios maiores povos da freguezia, na sua maxima parte, são capazes de educação e civilização; mas tão rijas foram as rajadas de perversidade hipocritas sopradas na sua ignorancia que tarde descerrarão as palpebras.

Precisam, como esta, muitas lições, os ingenuos, que os outros só no inferno se hão de regenerar.

Manda a justiça que se diga que os elementos precisos e valiosos ha que combatem heroicamente os inimigos do progresso, da justiça e da verdade, que foram quem fez a simpatica, educativa e instrutiva festa.

J. Festas.